

APRENDER A FALAR PLE PELO MÉTODO DA PRONÚNCIA FIGURADA:
O CASO DAS VOGAIS ORAIS EM OBRAS DE PEDAGOGOS DO SÉCULO
XIX PUBLICADAS EM FRANÇA

LEARNING TO SPEAK “PLE” BY THE METHOD OF FIGURATIVE
PRONUNCIATION: THE CASE OF ORAL VOWELS IN PEDAGOGIC BOOKS
PUBLISHED IN FRANCE ON THE NINETEENTH CENTURY

Helena Rebelo
Universidade da Madeira
Universidade de Aveiro
helenreb@uma.pt

Thierry Proença dos Santos
Faculdade de Artes e Humanidades
Linguística Portuguesa
thierry@uma.pt

RESUMO:

Ensinar a falar uma língua viva a estrangeiros não é tarefa fácil e fazê-lo pela escrita torna-se ainda mais complexo. Isso comprova-se na transição do século XIX para o XX, no processo de ensino/aprendizagem da pronúncia do Português como Língua Estrangeira (PLE) para francófonos. Naquela época, em França, ao ensinar a falar PLE através do método da “pronúncia figurada”, privilegiavam a escrita. Este recurso foi seguido pelos gramáticos-pedagogos G. Hamonière, Paulino de Souza e Luís Simões da Fonseca. Damos uma visão geral das suas propostas, comparando-as quanto ao vocalismo oral, a fim de saber que pronúncia ensinavam.

PALAVRAS-CHAVE:

PLE, França, gramáticas oitocentistas, pronúncia figurada, vocalismo tónico

ABSTRACT:

Teaching to speak a foreign language is not an easy task and doing it through writing becomes even more complex. This can be proved for the process of teaching / learning Portuguese as a foreign language (PLE) to Francophones, between nineteenth century and the twentieth. At that time, in France, teaching pronunciation for PLE was made

by the method of “figurative pronunciation” which focuses on writing. This resource was followed by grammarians-pedagogues G. Hamonière, Paulino de Souza and Luis Simões da Fonseca. We give an overview of their proposals, comparing them for the oral vocalism in order to find out what pronunciation they taught.

KEYWORDS:

PLI, France, nineteenth-century grammars, figuratively pronunciation, tonic vocalism

Introdução

No século XXI, desejoso de ensinar a falar, um docente de língua estrangeira viva como o Português (PLE: Português como Língua Estrangeira) confronta-se, inevitavelmente, com a questão dos métodos a seguir para ter sucesso nesta sua intenção. Tem de fazer uma escolha perante as variadas propostas existentes, inclusive recorrendo a tecnologia audiovisual ou a programas informáticos para laboratórios de línguas. Uma interrogação constante é, por exemplo, a que leva a decidir se deve ou não recorrer à Fonética (ESPADA, 2006). Além disso, tem de optar por um sotaque, face à diversidade linguística própria de uma língua viva, pensando na variação linguística como um vasto património impossível de facultar, na íntegra, a um neófito como o estrangeiro. Cremos que dificilmente será possível ensinar a variação no seu todo, isto contrariamente a alguns autores (ALMEIDA, 2004), embora seja importante mostrar que a língua (com a cultura) é multifacetada. Pensamos que iniciar alguém numa nova língua, viva e dinâmica, é transmitir uma pronúncia, ou seja, um modo de articulação. Hoje, o politicamente aceitável é defender as “pronúncias cultas” (cf. Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990), mas nem sempre terá sido assim. É normal que o docente medite sobre os meios mais adequados a usar para que a sua intervenção seja eficiente e eficaz, a nível de pronúncia, entendida enquanto “articulação” e “sotaque” (HOUAISS, 2001). Portanto, hoje, a quem quer introduzir outrem na aprendizagem de PLE, duas perguntas se impõem: 1) Que métodos usar? e 2) Que variedade ensinar, ou seja, que pronúncia ensinar, entre as múltiplas existentes e reconhecidas pela Linguística Portuguesa hodierna?

Embora de maneira distinta, decerto que o mesmo questionamento terá ocorrido no século XIX a quem teve a mesma incumbência. Porém, nessa altura, os recursos tecnológicos eram escassos e, frequentemente, os métodos relacionados com a escrita (para ensinar a falar) eram os únicos existentes. Aliás, quanto aos recursos pedagógicos, o docente possuía, praticamente, apenas livros,

que eram, em simultâneo, manual, gramática, livro de exercícios e antologia. Isso explica por que muitas gramáticas oitocentistas constituem relíquias para compreender como se processava o ensinar a falar através da escrita, isto é, do método conhecido como sendo “a pronúncia figurada”. Resta saber se podemos empregar esta expressão no singular ou se temos, obrigatoriamente, de usar o plural. Para podermos responder a esta provavelmente tida como insignificante questão, talvez seja conveniente observar a “pronúncia figurada” (sempre usada no singular pelos diferentes autores de obras pedagógicas) de gramáticos de PLE do século XIX.

1. Escrever para aprender a falar: a “pronúncia figurada” do pedagogo

Pode comparar-se o processo de aprender a falar PLE, ou outra língua estrangeira, a um regresso à fase da infância, mais precisamente ao momento em que se começam a articular as primeiras palavras da língua materna. A criança balbucia, articulando sons sem qualquer sentido. Porque dá os primeiros passos na articulação “fala sem falar”, mas não de modo eficiente, ou seja, os sons que emite não têm qualquer valor. É pela aprendizagem e à medida que vai ouvindo quem a rodeia, repetindo, que introduz novas sonoridades aos balbucios primários ou escolhendo alguns destes. Ordenando-os em sequências que correspondem ao que ouviu, confere-lhes determinado sentido (“a banana”, “o popó”, etc.). As palavras com estruturas silábicas elementares e reiteradas são as preferidas nesta fase. Normalmente, as primeiras palavras são “papa”, “papá” ou outras do tipo hipocorístico. A partir daqui, e à medida que as vai repetindo, passa a dar-lhes um sentido. Ganha competência linguística, quando lhes atribui as significações que apreende e aprende. Embora haja diferenças substanciais, o processo de aprendizagem do falante estrangeiro é muito similar. Do balbucio ou de uma articulação deficiente e imprecisa, passa, progressiva e lentamente, à articulação confiante, cada vez mais perfeita e adequada. O falante estrangeiro tem de se acostumar a sequências sonoras que, na sua língua materna, não existem (YANBIN e YIN, 1991). Como a criança, vai-se habituando a elas, repetindo-as e assimilando-as. Da estranheza, e da noção do ridículo quando as articula (frequentemente o riso emerge durante o exercício), chega à compreensão e à aquisição, para iniciar, posteriormente, a fase da criatividade linguística, sendo capaz de gerar o seu próprio discurso, ao ganhar a espontaneidade da fala. Só então as primeiras palavras estrangeiras têm um valor preciso e significam algo, podendo, então, construir frases e distinguir significantes (“Chama-se... / Chamam-se...”, “Sou francês. /

Sou francesa.”, “dois” / “doze”, “três / treze”, “e / é”, “sou / só”, “quatro / quarto”, “caro / carro”, “ai” / “aí”, etc.).

Praticamente como para a criança, os primeiros vocábulos de língua estrangeira, incluindo o PLE, aprendidos pelo adulto são elementares, reportando-se às necessidades da comunicação diária. Em princípio, são também monossílabos ou dissílabos como “sim”, “não”, “já”, “aqui”, “eu”, “tu”, “ele”, “elas”, “nós”, etc. À medida que o falante estrangeiro for articulando, cada vez com mais nitidez e maior clareza, a par de grande desenvoltura, o que vai aprendendo, conferindo-lhe sentido, começará a entender a existência de pares mínimos que alteram a mensagem, se não pronunciar cada elemento (operando mentalmente oposições fonológicas e realizações fonéticas distintas: “ele / “eles”, “meu / teu”, “tia / tio”, “mão / mãe”, “um cabelo / o cabelo”) conforme está estabelecido no funcionamento da língua estrangeira que adquire, neste caso o PLE. Com esta aprendizagem articulatória e auditiva incipiente no falar, irá, obrigatoriamente, alargar a sua elasticidade articulatória. A boca e o ouvido treinam em simultâneo e entram num jogo de complementaridade. Na cavidade bucal, a língua vai movimentar-se, mas, decerto, de forma diferente das que conhece. Há, todavia, no adulto estrangeiro, uma grande diferença relativamente à criança que aprende a falar a sua língua materna: é a rapidez com que aquele começa a falar a língua estrangeira, incluindo no que se refere à aquisição de vocabulário. É bem mais veloz do que a criança porque há uma grande diferença de maturidade relativamente a ela. Além disso, o jovem e o adulto já falam uma ou mais línguas e sabem, em princípio, escrever, conhecendo o alfabeto latino.

Considera-se que aprender a falar em adulto/ jovem ou criança indica situações com diferenças substanciais. Porém, qualquer falante estrangeiro faz um percurso de retrocesso, quando inicia a aprendizagem de uma língua estrangeira, sobretudo no registo oral para a aquisição da fala. É como se voltasse à infância e tivesse de (re)aprender a falar. Pela repetição, como ficou claro, o falante estrangeiro, jovem e adulto, vai balbuciar, hesitante, num primeiro momento, até ganhar destreza articulatória e entender a pertinência linguística dos enunciados que profere. Isto só sucede ao aumentar a sua competência fonética e fonológica. No momento em que se sentir confiante quanto à articulação, foi porque adquiriu conhecimentos relativos à pronúncia, mesmo sem se aperceber que os foi assimilando. Esses conhecimentos dar-lhe-ão maior segurança, tornando-se, com eles, capaz de comunicar com agilidade diversas mensagens. Embora em situações de ensino/aprendizagem completamente diferentes, se isso é válido hoje, também o terá sido no passado. O aprendiz articula apenas de um modo, seguindo unicamente a pronúncia, o sotaque, que lhe é ensinado,

ouvindo-o, se tiver um mestre, e reproduzindo-o. Contudo, saber escrever faz com que a aprendizagem no jovem e no adulto seja completamente diferente da que ocorre na criança.

Como dissemos, a diversidade de métodos do século XXI é desconhecida no século XIX. O ensinar a falar passava, outrora, muito pelo ensino da escrita. Em princípio, um adulto aprendia a falar uma língua estrangeira quando já sabia escrever a sua e pretendia começar a expressar-se naquela língua, embora também houvesse casos de aprendizes analfabetos, que, por vezes, até eram intérpretes. Quem não se lembra da figura típica do índio a dominar a língua materna e a inglesa nos filmes clássicos norte-americanos? Todavia, estes casos não são comuns. Habitualmente, aprendia uma língua estrangeira quem já soubesse ler e escrever a sua língua materna. Assim, provavelmente, por saber escrever, o aprendiz de PLE, nomeadamente o francês do século XIX, podia aprender sozinho, seguindo a proposta de uma gramática. Este tipo de livro apresenta uma “pronúncia figurada” portuguesa, o que significa que trazia uma representação da articulação que se devia seguir para saber dizer determinado vocábulo. As representações sonoras escritas eram as da língua de partida para facilitar a tarefa ao aprendiz estrangeiro que reconheceria as sonoridades e seria capaz de as reproduzir. A língua de chegada aproximar-se-ia à de partida, mesmo sendo distante dela. A pronúncia era ensinada através dos vocábulos isolados para, posteriormente, estarem integrados em frases ou enunciados com maior extensão. Este método corresponde à escrita da pronúncia através das letras do alfabeto latino, fazendo corresponder a uma letra um som específico (ARNAULD e LANCELOT, 1676). Era, sem o ser, um “alfabeto fonético”. A “pronúncia figurada” é um método antecessor do AFI (Alfabeto Fonético Internacional). O método da “pronúncia figurada” corresponde a uma fase pré-fonética, em que as letras do alfabeto latino e os sons mantêm uma relação unívoca, embora isso não seja assim tão evidente, mas era-o para, por exemplo, cada gramático que seguia este método. A apresentação da pronúncia fazia-se através das letras (o que ainda hoje sucede no 1.º Ciclo de Ensino Básico português). Por isso, as vogais (sons/ fones) são reduzidas às letras A, E, I, O e U, mesmo se têm mais do que uma correspondência sonora (cf. quadros *infra*).

A opção de integrar conhecimentos e conteúdos de Fonética nas aulas de PLE, quando oportuno, inserindo-os na prática do ensino, incluindo para resolver dúvidas pontuais de pronúncia é relativamente recente. Élisabeth Guimbretière, quanto à Fonética, na sua obra *Phonétique et Enseignement de l’Oral*, dedicada ao ensino do Francês como Língua Estrangeira (FLE) e às questões relativas à oralidade, isto é, ao falar, considera que “Phonétique et

pédagogie font bon ménage, s'épaulent se renvoient [sic] la balle, s'harmonisent et s'épanouissent enfin dans le domaine de la didactique des langues. La technologie n'étant pas non plus oubliée dans ce carrefour [...]” (Guimbretière, 1994, 53). A este propósito, retoma a diversidade de métodos de ensino para aprender a falar uma língua estrangeira, especialmente a francesa, no capítulo “Un peu d’histoire ou la correction phonétique au fil des années”, revelando as diversas teorias pelas quais o “ensino da fala” das línguas foi passando, após a introdução da Fonética nas aulas, em finais do século XIX:

C'est avec la mise au point de l'alphabet phonétique international et les débats qu'il a suscité autour des années 1880-1890, que la phonétique est réellement entrée dans l'enseignement et y a tenu depuis une place plus ou moins importante. L'abbé Rousselot et Paul Passy au début du siècle se sont efforcés de donner, à cette discipline, une place non négligeable dans l'enseignement des langues, avec succès, puisque, depuis, elle ne cesse de provoquer rejet ou engouement selon les périodes et les modes. (*Idem, Ibid.*, p. 45)

Uma outra questão que Guimbretière aborda, entre várias outras, embora sem a aprofundar, é o tópico da variação linguística do Francês. Isto sucede, quando escreve:

Il nous paraît important de déterminer en premier lieu d'où vient la parole produite, c'est-à-dire le statut que va avoir cet oral, car le lieu d'où est émis la parole en déterminera la forme linguistique. [...]. Il importe également de ne pas négliger l'aspect des variantes, régionale et sociologique, dans le choix des locuteurs qui interviendront dans les documents sonores. (*Idem, Ibid.*, p. 74)

Este detalhe afluído por Guimbretière, aquando da referência à pluralidade dos documentos sonoros facultados aos alunos de FLE, não é de somenos importância. É muito pertinente para as restantes línguas ensinadas a estrangeiros. Retoma-se, por isso, a interrogação: deverá o docente de PLE dar conta de todas as variedades linguísticas do Português? Se o fizer, deve empreender esta abordagem desde as aulas do nível de iniciação? Deverá ter em conta toda a variação geográfica do Português, incluindo a variação diastrática ou social? Face à diversidade linguística (mesmo se se proclama a predominante unidade a Língua Portuguesa face à sua diversidade), não será preferível manter-se no plano da norma linguística? Que norma é esta? Quantas normas podem existir para uma língua? São múltiplas as questões que o docente de PLE se deve colocar e com as quais se vai confrontando na dinâmica das aulas. Julgamos que

o mesmo terá acontecido com os gramáticos-pedagogos oitocentistas que, em França, publicaram obra para o PLE. Para entender a importância da pronúncia figurada enquanto recurso metodológico destinado, pela escrita, à aprendizagem da fala, importa-nos observar três exemplares de três autores diferentes que, no entanto, reformularam, sucessivamente, a obra do seu antecessor. Estamos a pensar em G. Hamonière, Paulino de Souza e Luís Simões da Fonseca.

2. Os três gramáticos-pedagogos e os compêndios

G. Hamonière (1789-?), autor francês multifacetado, seria um poligloto e, está comprovado, dedicara-se a produzir gramáticas para várias línguas estrangeiras, sobretudo as românicas. Destacamos a sua *Grammaire portugaise de início do séc. XIX* (edições de 1820 e 1829) que se destinaria a um público francês interessado em aprender PLE. O livro foi “reformulado” por Paulino de Souza¹ (fl. 1865/1870) e publicado com o título *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*. Este gramático seria um literato² provavelmente brasileiro³, sendo, ainda hoje, praticamente desconhecido. Na publicação, ou melhor, no peritexto

¹ No prefácio da *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*, de Paulino de Souza, p. XXI, aparece uma explicação justificativa da publicação: “Chargé par MM. Garnier Frères de revoir et de corriger la grammaire portugaise de Hamonière, nous nous sommes livré d’abord à ce travail ; mais nous n’avons pas tardé à reconnaître que, pour faire quelque chose de réellement utile et pratique, de simples corrections étaient loin de suffire”. No “Extracto do Catálogo da Livraria H Garnier” que circulava no Brasil nos anos 1900, figura a seguinte informação: “Grammaire portugaise, suivie d’un cours de thèmes et d’un traité de versification, par G. Hamonière, nouvelle édition, revue, corrigée et considérablement augmentée par P. de Souza, professeur de langue et de littérature portugaise à Paris. 1 v. in-18...4\$000”. Em síntese, a publicação de Paulino de Souza corresponderá a uma cópia recheada de alterações da Grammaire portugaise de G. Hamonière.

² *Os Lusíadas, poema épico de Luís de Camões*, nova edição, conforme à de 1817, in-4°, de dom José Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matteus, correcta e dada à luz por Paulino de Souza, Paris, Va J.-P. Aillaud, Guillard e Ca, 1865.

³ Deduzimos a sua naturalidade brasileira devido, essencialmente, a referências como a seguinte que assinala uma questão de pronúncia: “On ne prononce quelquefois le c que pour éviter l’ambiguïté, comme, par exemple, dans le mot *pacto*, pacte, où le c sonne : *paktou*, pour ne pas confondre ce mot avec *pato*, canard, qui se prononce *patou*. Cependant *facto*, fait, et *fato*, hardes, se prononcent de la même manière : *fatou*.” (p. 9). A temática relacionada com “facto” / “fato” é um dos casos que realça a diferença de pronúncia do Português Europeu e do Português do Brasil também no século XXI. Aliás, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* não conseguiu acabar com ela, nem com a possibilidade da “dupla grafia”. É sabido que no Brasil “fato” predomina e, em Portugal, se continua a dizer, mesmo se na escrita haja quem retire o “c”, “facto”, acontecendo o mesmo com “contacto”.

da gramática referida, surge apresentado como “bachelier ès Sciences” e como professor de língua e literatura portuguesas em Paris. Já enquadrara uma edição de *Os Lusíadas*, talvez a obra literária portuguesa mais reputada e divulgada até então, em França (V. Cooper-Richet, 2009: 546). Pelo viés da apresentação do autor, percebemos que a postura académica e o estatuto de “parisiense” aparecem valorizados nesse período. Quanto à “sua” gramática, a simplificação do conteúdo gramatical ocorre no subtítulo que este lusófono lhe atribuiu: *raisonnée et simplifiée*. Posteriormente, Luís Simões da Fonseca (fl. 1880), filólogo brasileiro, dicionarista e pedagogo, será chamado pelos irmãos Garnier a, também ele, “reformular”, isto é, condensar, a *Grammaire portugaise de Paulino de Souza* (1880), dando-lhe uma configuração *Abrégé*, ou seja, reduzida, aduzindo-lhe, no entanto, *un cours gradué de thèmes*. Todavia, não nos vamos interessar por este livro, mas pelo *Vocabulaire* que publicou porque, na “sua” gramática segue a “pronúncia figurada” apresentada por Paulino de Souza, o que não acontece no vocabulário. Aí, sem qualquer explicação pela sua opção de transcrição, indica uma “pronúncia figurada” distinta. Além disso, o vocabulário permite procurar as palavras enunciadas por Paulino de Souza (muitas delas já apresentadas por G. Hamonière) e comparar as representações, ou seja, “as escritas das pronúncias figuradas”. Como é fácil deduzir daqui, não há “uma pronúncia figurada” apenas, mas várias, ou seja, haverá tantas quantas as pronúncias (sotaques) dos seus proponentes. Isso é visível nos compêndios dos três gramáticos que delinearam instruções para a pronúncia (articulação) do PLE.

É fundamental realçar que as reconfigurações gramaticais permitiam à Editora apresentar a “nova” obra como uma novidade pedagógica, indicando-o logo de início, no título, o que sucede com a *Nouvelle Grammaire Portugaise*. Na verdade, do ponto de vista da sociologia dos textos, as ditas gramáticas de Paulino de Souza e de Luís Simões da Fonseca (a natureza desta autoria é – como já se percebeu – discutível por pertencer em grande parte a G. Hamonière⁴) são meras reformulações, embora não se possam considerar cópias integrais porque

⁴ No “Avertissement” da segunda edição da sua *Grammaire Portugaise*, em 1829, G. Hamonière indica as únicas gramáticas de Português então existentes em língua francesa, a do Abbé Dubois e a de M. Sané, às quais não deixa de apontar limitações ou falhas para justificar a sua gramática. Poderá a sua ser uma reformulação daquelas ou uma síntese de ambas? É um trabalho que se impõe fazer. De qualquer maneira, sublinha a importância da língua portuguesa para a França (e o seu império colonial): essa importância assenta no ineludível interesse comercial com países e regiões do mundo lusófonos, em particular com a monarquia recém-independente do Brasil, um interlocutor com o qual a França vai estabelecer relações privilegiadas.

cada um foi dando um cunho pessoal à “sua” publicação. O fenômeno é notório na parte relativa à pronúncia com, mais precisamente, a “pronúncia figurada”, salvo no exemplar gramatical de Luís Simões da Fonseca, que, neste livro, seguiu e recomendou a de Paulino de Souza, o que não aconteceu no *Vocabulaire*. Individualmente, reviram a proposta do autor anterior parecendo optar por uma pronúncia de PLE que corresponderia à sua própria forma de dizer, de falar, ao seu sotaque. Então, visto assim, ensinar a falar é dar a conhecer o seu modo de articular, o que se depreende da comparação das três propostas. No fundo, comprovadamente, não havia (e, decerto, continuará a não haver) apenas uma “pronúncia figurada” para o PLE, mas várias porque cada pedagogo segue a sua, que tende a divergir da dos outros, como facilmente o compreendemos quando comparamos as propostas individuais.

Na *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*, o título assinado por Paulino de Souza que serve de ponto de referência ao nosso estudo comparativo e que retoma, em larga medida, a *Grammaire portugaise* de G. Hamonière, há essencialmente dois capítulos que se revestem de interesse para analisar a “pronúncia figurada”. O primeiro deles situa-se na primeira parte da obra e o outro na segunda. O capítulo introdutório é intitulado “Alphabet et Prononciation” (p. 1-35) e o da segunda parte “De la Prosodie” (p. 278-289). “Alphabet et Prononciation”, a primeira parte deste compêndio gramatical escrito em Francês, é dedicado ao alfabeto e à pronúncia, como o próprio intitulado anuncia. Indica o alfabeto do Português e apresenta o valor das vogais (orais) e nasais, dos ditongos e das consoantes, num quadro sinóptico. Depois, *pari passu*, Paulino de Souza vai exemplificando cada letra, uma a uma, dando o seu valor, isto é, a correspondente “pronúncia figurada”, ilustrada por exemplos, como fizera G. Hamonière. Decidimos, portanto, contemplar a proposta de G. Hamonière, na comparação da “pronúncia figurada” de Paulino de Souza e a de Luís Simões da Fonseca, que adicionámos, para apurar as possíveis divergências entre estas propostas de “pronúncias” de PLE. Esse capítulo introdutório de Souza é complementado por “De l’accentuation prosodique” (p. 15-35) com a enumeração de dezasseis regras. Há ainda uma transcrição em “pronúncia figurada” de um excerto do prefácio de *Monge de Cisté* [sic] de A. Herculano que serve de exemplificação (p. 27-35). Registam-se mais exercícios de pronúncia (p. 284-287), com um excerto de um sermão de Vieira sobre Santa Catarina. Quer um exercício, quer o outro, apresentam excertos de autores portugueses para serem lidos em voz alta. O recomendado parece ser uma clara “pronúncia brasileira” de PLE oitocentista.

No capítulo sobre os dados prosódicos, sempre de um ponto de vista contrastivo, realçando semelhanças e diferenças entre o Português e o Francês, são abordados temas como o acento e a sílaba. É referida a posição do “acento prosódico” (a posição da sílaba tónica) em Português e há uma comparação com o que acontece noutras línguas românicas, nomeadamente o Francês. Segue-se uma temática que interessaria esmiuçar: “Des vices de prononciation” (p. 287-290) e é facultado um vasto conjunto de regras para uma pronúncia escorreita do Português. No cômputo geral, e embora Paulino de Souza se revele contrário ao estabelecimento de regras para ensinar a pronúncia do Português, estipula dezasseis que são enunciadas a par das “excepções” que comportam, evidenciando os “vícios de pronúncia”. Portanto, por um lado, indica como se deve dizer e, por outro, como se deve evitar dizer. Há, na metodologia que visa ensinar a dizer em Português, o destaque da aprendizagem tanto de um ponto de vista positivo (deve dizer-se...), como um negativo (não se deve dizer...), procedimento bastante corrente e que se reencontra para o ensino da língua materna.

De momento, pela vastidão do assunto, detemo-nos exclusivamente no alfabeto e na sua pronúncia, ou melhor, apenas em alguns detalhes deste capítulo, que, também ele, mereceria uma análise minuciosa dos pormenores referentes às vogais (orais). Comparamos, assim, a “pronúncia figurada” apresentada por Souza (e muito devedora à de Hamonière) e a que Fonseca indica no *Vocabulaire*. Como dissemos, parece claro que, tendo conhecimento da descrição metodológica de Paulino de Souza, Luís Simões da Fonseca divergiu dela. Este gramático, no seu vocabulário, não lista o “valor das letras”, o que os dois pedagogos anteriores fizeram. Dá a pronúncia figurada dos termos que apresenta, mas não se debruçou previamente sobre eles, nem os explicou ou sintetizou para o leitor estrangeiro compreender a sua proposta ou saber como dizer a transcrição que acompanha cada vocábulo português. No *Vocabulaire*, não tem nenhuma explanação da “sua” pronúncia figurada. Se Luís Simões da Fonseca conhecia em detalhe a pronúncia figurada proposta por Paulino de Souza, visto que a retomou no *Abrégé* e recomenda ao aluno a consulta da fonte para um maior domínio da pronúncia, por que razão a alterou no seu vocabulário? Falta-nos encontrar alguma obra de Luís Simões da Fonseca que explique as opções que segue no *Vocabulaire*. Este facto leva-nos a procurar compreender como dois livros, os escritos pelos lusófonos Paulino de Souza e Luís Simões da Fonseca, aproximadamente da mesma época, finais do século XIX e princípios do século XX, poderão ter contribuído para auxiliar (ou complicar) a aprendizagem do Português como Língua Estrangeira por falantes franceses.

Ensinar a falar PLE por meio da escrita é uma tarefa que se torna muito complexa porque requer, simultaneamente, uma especial habilidade dos pedagogos, para ensinarem, descrevendo com reduzidas ferramentas, a pronúncia (provavelmente não padrão), e um esforço de compreensão por parte dos falantes-aprendizes que deverão praticá-la. Portanto, ensinar (e aprender) a falar Português a um francês de finais do século XIX seria um exercício exigente como o testemunham os livros pedagógicos que perduraram e para os quais apenas os especialistas olham, já no século XXI. Como explicámos, esta problemática do ensino da fala coloca-se de modo premente quando se observa o método usado no passado e designado como “pronúncia figurada”. Para o abordar, interessa-nos verificar até que ponto a proposta de G. Hamonière, a de Paulino de Souza e a de Luís Simões da Fonseca divergem ou convergem.

3. O caso das vogais orais na(s) pronúncia(s) figurada(s)

Impõe-se uma breve comparação das três propostas de “pronúncia figurada” para as vogais orais. Vamos, então, olhar para a descrição das vogais que não são nasais. Mais do que as semelhanças, embora estas também sejam importantes, julgamos pertinente destacar, neste trabalho comparativo dos três livros pedagógicos, algumas diferenças existentes entre eles. A questão de fundo a que procuramos responder, de momento, incide sobre este pormenor. Por um lado, interessa-nos observar as divergências substanciais de pronúncia que se registam entre a proposta presente no livro de Paulino de Souza e a que figura no livro de G. Hamonière. Por outro, pretendemos comparar estas duas com a que é facultada por Luís Simões da Fonseca (apenas a parte “português-francês”), relativamente às vogais orais. A fim de podermos cotejar, de modo simplificado, estas “pronúncias figuradas”, damos conta, primeiro das gramáticas, uma vez que o valor de cada letra é explicitado detalhadamente, e, através dos exemplos facultados por G. Hamonière e Paulino de Souza, vamos consultar os termos no vocabulário de Luís Simões da Fonseca.

Quanto à comparação das propostas para as vogais [orais⁵] (cf. Souza, p.

⁵ Para os ditongos e as vogais nasais, o modo de representação foi diferente, comme se deprende do seguinte excerto da *Grammaire* de Paulino de Souza: “Les six voyelles de l'alphabet portugais ne suffisant pas pour représenter tous les sons simples de la langue portugaise, on a eu recours, comme en français, à la réunion de plusieurs voyelles, ou d'une voyelle et de la consonne *m* ou *n*. Ces lettres, ainsi réunies pour n'exprimer qu'un son simple, s'appellent voyelles composées ou voyelles nasales” (p. 4). Acrescenta: “Remarque. *L'm* et *l'n* ne donnent le son nasal à la voyelle précédente, que lorsque celle-ci appartient à la même syllabe,

3-4), observando-as individualmente, verificamos que acompanham as letras do alfabeto latino, comum ao Português e ao Francês: “Les lettres *a, e, i, o, u* et *y* sont voyelles comme en français ; toutes les autres sont consonnes” (cf. Souza, p. 3). Assim sendo, a *Grammaire* é iniciada com a descrição da pronúncia com a letra <a> e estabelece uma representação inequívoca da letra com o fonema, nas duas línguas. Escreve Paulino de Souza (citando quase *ipsis verbis* G. Hamonière): “*A* se prononce comme en français”. Considera, portanto, haver apenas um fonema representado pela letra <a>, com maiúscula ou minúscula. Isso, hoje, parece ser assim no Português do Brasil, mas não no Português Europeu que distingue entre uma vogal central aberta e uma vogal central semiaberta. Contudo, este gramático assinala que, em fim de polissílabo, na sílaba átona, é muito fraco, quase não se ouvindo, embora o represente como em sílaba tónica através de <a>, o que se verifica no quadro 1. Não há divergências entre Paulino de Souza e G. Hamonière, nem com Luís de Simões da Fonseca, embora representem de modo diverso a marca da acentuação da vogal tónica, havendo uma diferença a nível dos diacríticos⁶.

QUADRO 1: a pronúncia da letra <a> (à, à. a)

	G. Hamonière Gramática	Paulino de Souza Gramática	Luís S. da Fonseca Vocabulário
“A”	<ul style="list-style-type: none"> • “se prononce comme en français” • átono em fim de polissílabos – fraco, “il se fait à peine entendre” <p>“casa, maison”- <i>càza</i> “chá, thé”- <i>chà</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “se prononce comme en français” • átono em fim de polissílabos – fraco, “il se fait à peine entendre” <p>“casa, maison” <i>càza</i> “para, il s'arrête” <i>pàra</i></p>	<p>ca'za “parar, arrêter”</p>

autrement la voyelle conserve le son qui lui est naturel. Ex. *comer*, manger ; *temer*, craindre ; *Cigano*, Bohémien ; *mina*, mine ; *punir*, punir ; prononcez co-mér, té-mér, Ciga-nou, mina, pou-nir” (p. 5). É o único caso em que ocorre o uso do hífen para separar a sílaba tónica das restantes e, assim, distinguir uma vogal oral de uma vogal nasal.

⁶ Nem sempre é fácil seguir, em termos de representação, as transcrições dos três gramáticos e, em particular, de Paulino de Souza, por dificuldades técnicas. O itálico, o apóstrofo e a divisão silábica não são, em si problemáticos, mas são-no alguns diacríticos. Tivemos de substituir o ponto inferior usado por Paulino de Souza – que escolheu esse diacrítico para assinalar a vogal tónica – por um sublinhado com negrito.

No que se refere à letra <e>, aparecem três formas de a representar, enunciando-a com maiúscula: sem acento gráfico <E>, com acento agudo <É> e com acento circunflexo <Ê>, como se nota no quadro 2. Relativamente aos acentos, escreve Paulino de Souza (no seguimento de G. Hamonière):

Il n'y a en portugais que deux accents : l'accent aigu (´) et l'accent circunflexe (^) ; et, contrairement à ce qui a lieu en français, l'accent aigu ouvre et l'accent circunflexe ferme les voyelles sur lesquelles ils sont placés. (Voyez à la Prosodie) (SOUZA, 1870, p. 4)

Esta precisão permite compreender a pronúncia de <É> e de <Ê> que, aliás, perdura ainda hoje no Português (tanto no Europeu como no do Brasil). Retomando a explanação relativa à pronúncia da letra <e>, observa-se que há alguma divergência nas propostas em estudo (cf. quadro 2). Se para os três pedagogos, no geral, em sílaba tónica, o “E se prononce comme é français”, em sílaba átona no final de polissílabo, já não há consenso. Para Hamonière, “il se prononce comme l'e muet français”. Segundo Paulino de Souza, é “plutôt comme un son intermédiaire entre l'e et l'i.”, ou melhor, “avec l'i très-bref et très sourd”, o que representa nos exemplos que faculta, como em “*vérdadi, tevi, méninici”. Luís Simões da Fonseca, quanto a ele, parece discordar tanto de Hamonière como de Paulino Souza relativamente ao timbre vocálico de <e> em sílaba átona final, já que, nos exemplos colhidos no *Vocabulaire*, a representa como <é> (cf. quadro 2), isto é, com um acento agudo. É importante lembrar que ele marca a vogal tónica seguida de um diacrítico que podemos identificar com o sinal do apóstrofo. Porém, por vezes, não vem este sinal da vogal tónica (ver, por exemplo, “portoughés”). Para <É>, Paulino de Souza⁷ segue G. Hamonière e adianta : “É portugais avec accent aigu se prononce comme è ouvert français. Ex. (...) *fê, atê*”. Aqui, assinala-se a convergência entre eles, mas a divergência com Luís Simões da Fonseca que representa esta vogal como <É> (cf. quadro 2). Talvez para este filólogo brasileiro fosse uma vogal semifechada em vez de ser semiaberta (como a interpretam os dois outros pedagogos). Pode, contudo, pensar-se que Luís Simões da Fonseca terá usado o <ê> para indicar uma vogal longa e aberta, como em *fenêtre*, mas não deixa de ser clara a divergência na representação. Será indispensável voltar a este detalhe, quando se tiverem mais dados sobre a descrição da “pronúncia figurada” de Luís Simões da Fonseca.*

⁷ Não marca a sílaba tónica dos monossílabos.

QUADRO 2: a pronúncia da letra <e> (e, é, è, ê, i, ai)

	G. Hamonière Gramática	Paulino de Souza Gramática	Luis S. da Fonseca Vocabulário
“E”	<ul style="list-style-type: none"> • “se prononce comme e français • átono em fim de polissílabos = e muet” <p>“verdade, vérité” - <i>verdade</i> “parece, il paraît” - <i>parece</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “se prononce comme en français • átono em fim de polissílabos = som entre “e” e “i” <p>“verdade, vérité” - <i>vêrdadi</i> “teve, il eut” - <i>tévi</i> “meninice, enfance” - <i>méninici</i> (i muito breve e muito surdo)</p>	<p>verda'dé⁸ “ter, avoir” - <i>tair</i> “meninice, enfantillage” - <i>ménini'cé</i>⁹</p>
“É”	<ul style="list-style-type: none"> • “è français” <p>“fê, foi” - <i>fê</i> “até, jusque” - <i>atê</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “è ouvert français” <p>“fê, foi” - <i>fê</i> “até, jusque” - <i>atê</i></p>	<p>fê atê</p>
“Ê”	<ul style="list-style-type: none"> • “é français” <p>“dê, donnez” - <i>dé</i> “vê, il voit” - <i>vé</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • “é fermé fr.” <p>“dê, donnez” - <i>dé</i> “vê, il voit” - <i>vé</i></p>	<p>x¹⁰ x</p>

No que se prende com <è>, escreve Paulino de Souza: “Ê [sic] portugais avec accent circonflexe se prononce comme é fermé français. Ex. (...) ; prononcez *dé, vé*”. Portanto, o verbo *prononcez* dirige-se ao leitor francês ou francófono, o aprendiz de PLE, e à importância de aprender a falar e de saber pronunciar devidamente. O Português seria aprendido para ser falado, daí a preocupação com o indicar como se deve pronunciar por aproximação e usando os recursos linguísticos da língua materna do estrangeiro (a língua de partida), neste caso o Francês, como já dissemos. Quanto a <ê>, Paulino de Souza transcreve a explicação de G. Hamonière e dá os mesmos exemplos. Como <ê>

⁸ Não deixa de ser curioso representar de duas formas (“e” e “é”) a letra <e> de “verdade”. Há outros casos no *Vocabulaire* em que essa letra vem sem acento gráfico, como sucede em “abertura *abertou'ra*” ou “afinidade *afinida'de*”.

⁹ Procurando outros casos no *Vocabulaire*, registam-se, por exemplo, com “é”: “abreviação *abrêviaça'on*”, “abreviatura *abrêviatou'ra*”, “Argelino, a *argéli'no,a*” ou “felicidade *fêlicida'dé*”.

¹⁰ O símbolo “x” indica que não se encontrou qualquer registo, o que é esperado porque são formas verbais conjugadas. Se se procurarem verbos da primeira conjugação no infinitivo a pronúncia figurada da terminação corresponde a “air”, como em “abranjer *abranjair*”.

ocorre em Português essencialmente em formas verbais (cf. exemplos do quadro 2), estas não se registam no *Vocabulaire*, onde se pesquisou, por exemplo, outros vocábulos como “Português” que, na época, se escrevia “Portuguez” (“*portoughés*”). Portanto, não serviu para a comparação.

No que se prende com as letras <i> e <y>¹¹, não há muito a assinalar porque tanto <i> (ou <y>) – como sucede com <u> – terão sempre o mesmo valor, embora <u> comporte casos pontuais, como veremos no quadro 5. Aliás, Paulino de Souza especifica – e antes dele G. Hamonière – que:

Chacune des voyelles *a, e, o*, quoique ne portant aucun accent, est susceptible de toutes les variations indiquées précédemment. *L’i* et *l’u* n’ont qu’un son, mais il peut être long ou bref. Lors donc que la valeur de ces voyelles n’est pas indiquée par l’accent, c’est l’usage seul qui peut la faire connaître. (SOUZA, 1870, p. 3-4)

A ideia de haver vogais longas e breves em Português não se mantém hoje. Seria interessante procurar informação a este propósito para o Português do século XIX. Todavia, no que se refere à pronúncia de <i> e de <y>, os três pedagogos subscrevem a citação extraída da *Grammaire* (e copiada da de G. Hamonière): “I et Y se prononcent comme en français. Ex. *javalî* (...) ; *physionomiã* (...)”. Só Luís Simões da Fonseca diverge um pouco, optando por representar, na sua pronúncia figurada, <y> como <i>, o que os outros dois autores não fizeram, mantendo, portanto, a distinção, mesmo em termos de pronúncia de <i> e <y>.

QUADRO 3: a pronúncia das letras <i> e <y> (i, y)

	G. Hamonière Gramática	Paulino de Souza Gramática	Luís S. da Fonseca Vocabulário
“I” ou “Y”	• = fr. “javalî, sanglier”- <i>javalî</i> , “physionomiã, physionomie”- <i>fizionomiã</i>	• = fr. “javalî, sanglier” “physionomiã, physionomie” <i>javalî, physionomiã</i>	x <i>fizionomi’ia</i>

Aqui também importaria comparar estes dados com os de gramáticos portugueses do século XIX. Não deixa de ser curioso os grafemas “y” e “ph”,

¹¹ Cf. a ortografia anterior à reforma ortográfica de 1911.

entre outros elementos etimológicos, estarem presentes nas pronúncias figuradas de G. Hamonière e de Paulino de Souza, o que Simões da Fonseca contraria, usando apenas <f> e <i>, como se desejasse simplificar a transcrição da pronúncia figurada (o que veio a suceder a nível ortográfico), embora um falante francês estivesse familiarizado tanto com “y”, como com “ph”.

Quanto à vogal <o>, como para a letra <e>, também surge no compêndio de Paulino de Souza com três possibilidades, a saber, sem acento gráfico <o>, com acento agudo <ó> ou com acento circunflexo <ô>, assinalando assim “sons” (fones e fonemas) distintos, embora cobertos pela mesma letra (cf. quadro 4). Lê-se na *Grammaire* (e no texto de G. Hamonière) que “O se prononce comme *au* en français ; mais à la fin des mots de plusieurs syllabes, lorsqu’il n’est pas accentué, il se prononce très faiblement, presque¹² comme *ou* français. Ex. (...) ; prononcez *famauzou*”. Com esta observação, conclui-se que serão, então, quatro os valores da letra <o> em Português para este pedagogo. A opção de Souza não corresponde integralmente à de Hamonière que prefere estabelecer a correspondência de <o> com <eau>. Além disso, não sugere que exista uma mudança de timbre vocálico em sílaba final de polissílabos. Fonseca parece ter a proposta mais simplificada dos três pedagogos, estabelecendo a representação unívoca entro <o> português e <o> francês, como em “abalizado, a *abaliza*’do, *a*” ou “arestoso, a *aresto*’zo, *a*”. Relativamente ao valor de “ô” [com minúscula, mesmo se as outras letras vêm em maiúsculas], está escrito na *Grammaire* que, quanto à pronúncia, é “comme en français dans *côte*, mais bref, ou comme *au* : (...) ; prononcez *cauchou, tijaulou*”¹³. Quanto a “ó”, também em minúscula, a *Grammaire* afirma que em “portugais avec accent aigu se prononce ouvert, comme *o* dans *port*. Ex. (...) ; prononcez *nò, ichtoria*”. Nas três “pronúncias figuradas”, o valor de <ó> é representado pelo <o> francês (como em *mort* e *port*).

Assim sendo, para G. Hamonière, as letras <o> e <ô> têm o mesmo valor, distinguindo-se de <ó>, enquanto para Paulino de Souza há três pronúncias distintas (não chegando aos quatro timbres): <au>, <ou>, <o>. Luís Simões da Fonseca reduz os valores das representações da letra <o> (o, ô, ó) à vogal <o> francesa, sem observar diferenças de abertura ou de fechamento vocálicos.

¹² O advérbio *presque* (‘quase’) faz pensar numa “pronúncia por aproximação”, ou seja, é intuitiva e resulta da impressão auditiva do autor, não se fundamentando em dados concretos, o que era comum na época, embora já tivessem sido feitas algumas experiências rudimentares de fonética experimental (cf. as reflexões desenvolvidas pelo Abbé Rousselot).

¹³ A estratégia de Paulino de Souza em assinalar a vogal tónica com um diacrítico (ponto sob a vogal) não é das melhores porque, por exemplo, para “au”, o ponto da vogal tónica aparece apenas no “u” de “au”.

QUADRO 4: a pronúncia da letra <o> (o, ô, ó, ò, au, eau)

	G. Hamonière Gramática	Paulino de Souza Gramática	Luís S. da Fonseca Vocabulário
“O”	<ul style="list-style-type: none"> • = “<i>eau</i> en français” • no fim de polissílabos e em sílaba átona é fraco (“il se prononce très faiblement”) <p>“famoso, fameux”¹⁴</p>	<ul style="list-style-type: none"> • = <i>au</i> fr. • no fim de polissílabos e em sílaba átona é fraco = quase como <i>ou</i> fr. <p>“famoso, fameux”- “fama<u>u</u>zou”</p>	famo’zo
“Ô”	<ul style="list-style-type: none"> • = « <i>comme eau</i> » <p>“nó, nœud”- nò “tjôlo”¹⁵- tjeaulo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • = fr. “côte”, mas breve = <i>au</i> fr. <p>“coxo, boîteux”- cauchou “tijolo, brique”- tijaulou</p>	co’cho tijo’lo
“Ó”	<ul style="list-style-type: none"> • = “<i>comme o dans or, mort</i>”¹⁶ 	<ul style="list-style-type: none"> • = aberto (= <i>o</i> de “port”) <p>“nó, nœud”- nò [sic] “historia [sic], histoire”- ichtoria</p>	x isto’ria

A letra <u> – como para <i> e <y> – não oferece grandes dificuldades a nível de registo da(s) pronúncia(s) figurada(s), segundo os três livros pedagógicos em análise. Como se pode observar no quadro 5, esta letra equivale a <ou> francês para os três autores. No entanto, Paulino de Souza apenas assinala essa correspondência no fim de palavra (cf. “último” no quadro 5). Hamonière e Souza coincidem na explicação:

U se prononce *ou*. Ex. *ultimo* [sic – sem acento gráfico]; prononcez *oultimou*; mais dans les syllabes *que* et *qui*, *gue* et *gui*, il est muet, comme dans les mots français *question*, *guérison*. Ex. *aquelle* (...); prononcez *akéli*, *kiétou*, *guèrra*, *guia*. Excepté: *questão*, *question*; *inquérito*, *enquête*; *quesito*, *demande*; *tranquillo*, *tranquille*; *guela*, *gosier*; etc., qui se prononcent *couéchtaouun*, *inncouèritou*, *couèsitou*, *trancouïlou*, *gouèla*. On peut dire aussi *kéchtaouun*, *trankïlou*. (SOUZA, 1870, p. 4)

Portanto, para esta letra, um francês interessado em aprender a falar Português teria de se lembrar de a fazer corresponder a <ou> (e não a <u>). No

¹⁴ Sem pronúncia figurada.

¹⁵ Sem tradução.

¹⁶ Sem exemplos e sem pronúncia figurada.

entanto, se viesse antecedida de <q> ou <g>, não ofereceria qualquer dificuldade porque, nem no Francês, nem no Português (embora nem sempre assim suceda, como, por exemplo, em “tranquilo” no quadro 5), é articulada, neste contexto, servindo a sua presença para alterar o timbre de <q> e <g>.

QUADRO 5: a pronúncia da letra <u> (ou)

	G. Hamonière Gramática	Paulino de Souza Gramática	Luís S. da Fonseca Vocabulário
U	<ul style="list-style-type: none"> • = <i>ou</i> • em <i>que, qui</i> = mudo como em fr. “question” <p>“ultimo, dernier”- <i>oul-timo</i> “aquelle, celui-là”- akélle “quieto, tranquille”- kièto</p>	<ul style="list-style-type: none"> • = <i>ou</i> (“ultimo”) (oultimou) • <i>que, qui / gue, gui</i> = mudo como em fr. “question, guérison” <p>“aquelle, celui-là” - akéli “quieto, tranquille” - kiètou “guerra, guerre” - guèrra [sic] “guia, guide”- guia [sic]</p> <p>salvo: “questão, question” - couéchtou / kéchtou “inquerito, enquête” - inncouèritou “quesito, demande”- couèsitou “tranquillo, tranquille” - trancouilou/ trankilou “guela, gosier”- gouèla etc.</p>	<p>oul'timo¹⁷</p> <p>aké'lé kié'to gher'ra ghi'ia</p> <p>couesta'on x kézi'to trancoui'lo gouê'la</p>

É curioso observar que, segundo Paulino de Souza, havia duas pronúncias para “questão” e “tranquilo” (numa pronuncia-se o <u> e na outra não), o que revela a atenção prestada pelo pedagogo à vivacidade da língua viva. Aliás, a posição da vogal tónica em “quesito” não correspondendo ao que hoje se esperaria.

Em síntese, para esta vogal, Hamonière e Fonseca estão mais próximos um do outro, não assinalando <ou> em fim de vocábulo, posição em que vem marcado com <o>. Souza representa <ou> em posição inicial, interior e final de vocábulo. Há, portanto, aqui, alguma divergência nas três propostas.

¹⁷ Representa “último” de modo idêntico ao de Hamonière, distinguindo a nível articulatório e sonoro a vogal inicial e a final, o que Souza não faz.

Conclusão

Quanto ao modo de articular as vogais orais, a partir do cotejo da pronúncia figurada destes três pedagogos para a aprendizagem do PLE por parte de um francês de língua materna são, no geral, mais divergentes do que convergentes. Esta sucinta abordagem a diversos livros (a *Grammaire* de G. Hamonière, a de Paulino de Souza e o *Vocabulaire* de Luís Simões da Fonseca, alargada à consulta pontual de um outro: o *Abrégé* de Luís Simões da Fonseca) revela o quanto é importante estudar os compêndios pedagógicos dos séculos passados para compreender a evolução de uma determinada língua viva. Quando os manuais ou outras referências com métodos de ensino/ aprendizagem (gramáticas, dicionários, vocabulários, etc.) se aplicam ao ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras a sua pertinência é ainda maior, como o comprovámos. Este trabalho é, assim, um entre vários outros porque muitas questões ficaram em aberto.

Por que razão Luís Simões da Fonseca não terá seguido a proposta de pronúncia figurada de Paulino de Souza? Discordaria dela por não ser a sua? Por que razão não a terá alterado no *Abrégé*, quando condensou a *Grammaire* de Paulino de Souza, tendo, inclusive, no nosso entender, aconselhado a sua referência para os alunos que desejassem aprofundar o tópico da pronúncia? Quando os livros pedagógicos são cópias de anteriores com alterações pontuais, até que ponto podem auxiliar os alunos que os usam a todos? Simplificarão ou complicarão a aprendizagem? Consultará um aluno (incluindo o do século XIX) apenas um livro ou terá curiosidade em procurar tirar dúvidas em mais do que um? Várias questões se colocam e merecem um desenvolvimento do tema tratado que tencionamos abordar noutros estudos. Se já nessa altura havia diversas pronúncias do Português, e as pronúncias figuradas comparadas revelam-nas, por que razão os autores estavam apenas concentrados na sua, tida como a referência que lhes serviria de modelo, uma vez que não referem as fontes da sua pronúncia figurada? Será que as divergências ortográficas da época e assinaladas, por exemplo, por Almeida Garrett no prefácio de *Camões*, se reencontravam no registo oral em Portugal e no Brasil? Interessará comparar as propostas ortográficas de cada pedagogo com a sua própria pronúncia figurada? Quer a *Grammaire*, quer o *Vocabulaire*, foram produzidos antes da reforma ortográfica, iniciada em 1911 e implementada em 1916, em Portugal. No entanto, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana já produzira obra sobre a relação entre grafia e fonia. Terá isso influenciado a “evolução” em Luís Simões da Fonseca? Foi levada a cabo em território português em toda a sua extensão (salvo, logicamente, no Brasil que tivera a independência em 1822), incluindo,

evidentemente, as ilhas atlânticas e as ex-colónias africanas, assim como as asiáticas), no período republicano, e interessaria comparar estes livros pedagógicos com outros do género do mesmo período. Considerando a importância do livro pedagógico da época, seriam esta gramática e este vocabulário de finais do século XIX e princípios do século XX fiáveis para aprender a pronunciar Português? Cada um dos dois autores de língua materna portuguesa referidos revela a sua própria pronúncia do Português, apresentando-a como se fosse modelo a seguir e não houvesse outras. Porém, ambos ignoram, por completo, uma vez que parecem não a mencionar, a variação interna e as diferenças já existentes relativamente ao Português dos dois lados do Atlântico.

Pelo cotejo, concluímos que Paulino de Souza e Luís Simões da Fonseca serão brasileiros de diferentes partes do Brasil, tendo, por isso, pronúncias figuradas diferentes e divergentes de pedagogos portugueses, embora apresentem exemplos de textos literários de autores portugueses: a Literatura Brasileira não gozava ainda de prestígio (embora Souza faça questão de sublinhar a sua existência na sua “introduction”). Faltará comparar estas propostas de “pronúncia figurada” com a proposta de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana para compreendermos melhor esta temática e a relação do livro pedagógico com a aquisição da competência que é saber falar. Muito resta, portanto, a fazer para entendermos como se ensinava a falar PLE no século XIX, nas gramáticas e outros livros pedagógicos publicados nessa altura.

Referências

- “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”, *Diário da República Portuguesa*, I Série – A, n.º 193 – 23-08-1991, p. 4370-4388.
- ALMEIDA, Mário Sérgio Pinheiro Moreira de. “Ensino de português língua estrangeira – P. L. E. – língua global”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 2, n.º 2, março de 2004, www.revel.inf.br, 2004.
- ARNAULD, Antoine et LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée*, 1 éd. 1676, présentation de Jean-Marc Mandosto. Paris : Allia, 1997.
- ESPADA, Francisco. *Manual de fonética. Exercícios e explicações* (CD com Registo Áudio). Lisboa: LIDEL, 2006.
- FONSECA, Luís Simões da. *Abrégé de la grammaire portugaise de P. de Souza avec un cours gradué de thèmes*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1880.
- Idem *Nouveau vocabulaire français-portugais et portugais-français, contenant tous les mots usuels avec leur prononciation figurée* (s.d., época presumida anos 1910-1920).

- GUIMBRETIÈRE, Élisabeth. *Phonétique et enseignement de l'oral*. Paris: Didier-Hatier, 1994.
- HAMONIERE, G. *Grammaire portugaise, divisée en quatre parties: avec un appendice contenant des remarques diverses; suivie d'un cours de thèmes, d'un choix de morceaux en prose et d'un traité de versification*. Paris: Chez Théophile Barrois Fils, Libraire, pour les langues étrangères vivantes, 1820.
- HAMONIERE, G. *Grammaire portugaise, divisée en quatre parties, dont la première traite de la prononciation; la seconde, des différentes espèces de mots; la troisième, de la syntaxe; et la quatrième, de l'orthographe, de la ponctuation et de la prosodie: avec un appendice, contenant des remarques diverses, suivie d'un cours de thèmes, et d'un traité de versification*. 2e éd., corrigée et augmentée. Paris: Bobée et Hingray, 1829.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SOUZA, Paulino de. *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée: rédigée sur un plan nouveau*. Paris: Libraire Garnier Frères, 1870.
- YANBIN, Lu e YIN, Wang Suo. "O português para um chinês" in *Português como Língua Estrangeira. Actas, Seminário Internacional – 9 a 12 de Maio de 1991*, organização da Direção dos Serviços de Educação, Macau: Fundação Macau e Instituto Português do Oriente, 1991, p. 89-96.

Submetido em 9 de março de 2016

Aceito em 10 de maio de 2016